

THE INSTRUCTION MANUAL

As I sit looking out of a window of the building
I wish I did not have to write the instruction manual on the uses of a new
metal.
I look down into the street and see people, each walking with an inner
peace,
And envy them — they are so far away from me!
Not one of them has to worry about getting out this manual on schedule.
And, as my way is, I begin to dream, resting my elbows on the desk and
leaning out of the window a little,
Of dim Guadalajara! City of rose-colored flowers!
City I wanted most to see, and most did not see, in Mexico!
But I fancy I see, under the press of having to write the instruction
manual,
Your public square, city, with its elaborate little bandstand!
The band is playing *Scheherazade* by Rimsky-Korsakov.
Around stand the flower girls, handing out rose- and lemon-colored
flowers,
Each attractive in her rose-and-blue striped dress (Oh! such shades of
rose and blue),
And nearby is the little white booth where women in green serve you
green and yellow fruit.
The couples are parading; everyone is in a holiday mood.
First, leading the parade, is a dapper fellow
Clothed in deep blue. On his head sits a white hat
And he wears a mustache, which has been trimmed for the occasion.
His dear one, his wife, is young and pretty; her shawl is rose, pink, and
white.
Her slippers are patent leather, in the American fashion,
And she carries a fan, for she is modest, and does not want the crowd to
see her face too often.
But everybody is so busy with his wife or loved one
I doubt they would notice the mustachioed man's wife.
Here come the boys! They are skipping and throwing little things on the

O MANUAL DE INSTRUÇÕES

Aqui sentado a olhar pela janela do edifício
Gostava de não ter de escrever o manual de instruções sobre os usos de
um novo metal.
Olho lá para baixo para a rua e vejo as pessoas, indo cada uma delas em
paz interior,
E invejo-as — estão tão longe de mim!
Nenhuma delas tem de se preocupar com a saída deste manual dentro do
prazo.
E como é meu hábito, ponho-me a sonhar, pousando os cotovelos na
secretária e debruçando-me ligeiramente da janela,
Com a apagada Guadalajara! Cidade das flores cor-de-rosa!
Cidade que eu mais queria ver, e menos acabei por ver, no México!
Mas julgo estar a ver, sob a pressão de ter de escrever o manual de
instruções,
A tua praça pública, oh cidade, com o seu elaborado pequeno coreto!
A banda está a tocar a *Xehrazade* de Rimski-Korsakov.
À volta estão as floristas, oferecendo flores cor-de-rosa ou de limão,
Atraentes todas nos seus vestidos às riscas azuis e rosa (Ah! esses tons
de azul e rosa),
E ao lado é a tendinha branca onde mulheres vestidas de verde nos
servem fruta amarela e verde.
Os casais passeiam-se; toda a gente está com ar de festa.
À frente, encabeçando o passeio, está um sujeito bem-posto
Vestido de azul-escuro. Na cabeça traz um chapéu branco
E usa bigode, que foi espontado para a ocasião.
O seu encanto, a mulher, é bonita e nova; o xaile dela é rosa, avermelhado
e branco.
As chinelas são de couro genuíno, à moda americana,
E traz um leque, porque é modesta, e não quer que a multidão lhe veja
demasiado a cara.
Mas toda a gente está de tal modo entretida com a mulher ou os familiares
Que duvido que reparem na mulher do homem de bigode.
Cá estão os rapazes! Vêm a saltar e a atirar coisinhas para cima do

sidewalk

Which is made of gray tile. One of them, a little older, has a toothpick in his teeth.

He is silenter than the rest, and affects not to notice the pretty young girls in white.

But his friends notice them, and shout their jeers at the laughing girls.

Yet soon all this will cease, with the deepening of their years,

And love bring each to the parade grounds for another reason.

But I have lost sight of the young fellow with the toothpick.

Wait — there he is — on the other side of the bandstand,

Secluded from his friends, in earnest talk with a young girl

Of fourteen or fifteen. I try to hear what they are saying

But it seems they are just mumbling something — shy words of love, probably.

She is slightly taller than he, and looks quietly down into his sincere eyes.

She is wearing white. The breeze ruffles her long fine black hair against her olive cheek.

Obviously she is in love. The boy, the young boy with the toothpick, he is in love too;

His eyes show it. Turning from this couple,

I see there is an intermission in the concert.

The paraders are resting and sipping drinks through straws

(The drinks are dispensed from a large glass crock by a lady in dark blue),

And the musicians mingle among them, in their creamy white uniforms, and talk

About the weather, perhaps, or how their kids are doing at school.

Let us take this opportunity to tiptoe into one of the side streets.

Here you may see one of those white houses with green trim

That are so popular here. Look — I told you!

It is cool and dim inside, but the patio is sunny.

An old woman in gray sits there, fanning herself with a palm leaf fan.

passeio

Feito de ladrilhos cinzentos. Um deles, um pouco mais velho, tem um palito nos dentes.

É mais calado que os outros, e faz de conta que não repara nas bonitas rapariguinhas de branco.

Mas os amigos dele reparam, e mandam as suas bocas às raparigas que riem.

Em breve todavia tudo isto terá acabado, com o decorrer dos anos,

E o amor trará cada um deles a este passeio por outras razões.

Com isto perdi de vista o jovem do palito.

Um momento — lá está ele — do outro lado do coreto,

Escondido dos amigos, em conversa fechada com uma rapariga

De uns catorze ou quinze anos. Tento escutar o que estão a dizer

Mas parece que estão só a sussurrar qualquer coisa — tímidas palavras de amor, provavelmente.

Ela é ligeiramente mais alta do que ele, e olha-lhe calada para dentro dos olhos sinceros.

Está vestida de branco. A brisa emaranha-lhe o belo cabelo negro comprido contra a face morena.

Está obviamente apaixonada. Quanto ao rapaz, o jovem rapaz do palito, também ele está apaixonado;

Vê-se nos olhos. Ao afastar-me deste par,

Reparo que há um intervalo no concerto.

Os desfilantes estão a descansar e a sorver por palhinhas tragos das bebidas (As bebidas são aviadas de uma grande caneca de vidro por uma senhora de azul-escuro),

E os músicos andam no meio deles, com o branco sujo dos seus uniformes, e falam

Do tempo, provavelmente, ou de como os filhos se dão na escola.

Aproveitemos a ocasião para entrar de mansinho numa das ruas laterais.

Podemos ver aqui uma dessas casas brancas com adornos verdes

Que são aqui tão populares. Vejam — eu bem vos disse!

É fresco e escuro lá dentro, mas o pátio é soalheiro.

Uma velha de cinzento está lá sentada, abanando um leque de folha de palma.

She welcomes us to her patio, and offers us a cooling drink.
“My son is in Mexico City,” she says. “He would welcome you too
If he were here. But his job is with a bank there.
Look, here is a photograph of him.”
And a dark-skinned lad with pearly teeth grins out at us from the worn
leather frame.
We thank her for her hospitality, for it is getting late
And we must catch a view of the city, before we leave, from a good high
place.
That church tower will do — the faded pink one, there against the fierce
blue of the sky. Slowly we enter.
The caretaker, an old man dressed in brown and gray, asks us how long
we have been in the city, and how we like it here.
His daughter is scrubbing the steps — she nods to us as we pass into the
tower.
Soon we have reached the top, and the whole network of the city extends
before us.
There is the rich quarter, with its houses of pink and white, and its
crumbling, leafy terraces.
There is the poorer quarter, its homes a deep blue.
There is the market, where men are selling hats and swatting flies
And there is the public library, painted several shades of pale green and
beige.
Look! There is the square we just came from, with the promenaders.
There are fewer of them, now that the heat of the day has increased,
But the young boy and girl still lurk in the shadows of the bandstand.
And there is the home of the little old lady —
She is still sitting in the patio, fanning herself.
How limited, but how complete withal, has been our experience of
Guadalajara!
We have seen young love, married love, and the love of an aged mother
for her son.
We have heard the music, tasted the drinks, and looked at colored houses.
What more is there to do, except stay? And that we cannot do.
And as a last breeze freshens the top of the weathered old tower, I turn
my gaze
Back to the instruction manual which has made me dream of Guadalajara.

Dá-nos as boas-vindas ao pátio e oferece-nos uma bebida fresca.
«O meu filho está na cidade do México», diz-nos. «Também vos recebia
Se cá estivesse. Mas está lá a trabalhar num banco.
Olhem, é uma fotografia dele.»
E um rapaz de pele escura com dentes cor de pérola sorri-nos da gasta
moldura de couro.
Agradecemos-lhe a hospitalidade, porque se está a fazer tarde
E queremos ter uma panorâmica da cidade, antes de partirmos, de um
bom lugar elevado.
Aquele torre de igreja serve — a cor de rosa velho, ali contra o ardente
azul do céu. Entramos devagar.
O guarda, um velhote vestido de cinzento e castanho, pergunta-nos há
quanto tempo estamos na cidade, e se gostamos de cá estar.
A filha dele está a esfregar os degraus — cumprimenta-nos quando
passamos à torre.
Em breve chegamos ao topo, e todo o reticulado da cidade se estende à
nossa frente.
Ali é a zona rica com as suas casas brancas e rosa e os seus terraços a
esfarelar-se, cheios de folhas.
Ali é a zona mais pobre com as suas casas azuis-escuras.
Ali é o mercado onde há homens a vender chapéus e a enxotar moscas
E ali é a biblioteca pública pintada de vários tons de verde-claro e
bege.
Olhem! Ali é a praça de onde viemos, onde as pessoas passeiam.
Há menos a fazê-lo, agora que o calor do dia aumentou,
Mas o rapaz e a rapariga ainda se escondem nas sombras do coreto.
E ali é a casa da velhota —
Ainda está sentada no pátio, a abanar o leque.
Como foi limitada, mas ao mesmo tempo completa, a nossa experiência
de Guadalajara
Vimos um amor juvenil, amor conjugal, e o amor de uma mãe idosa pelo
seu filho.
Ouvimos a música, provámos as bebidas, e olhámos para casas coloridas
Que mais há a fazer, senão ficar? Mas isso não pode ser.
E enquanto uma última brisa refresca o topo da velha torre exposta, volto
a olhar
Para o manual de instruções que me fez sonhar com Guadalajara.

SOME TREES

These are amazing: each
Joining a neighbor, as though speech
Were a still performance.
Arranging by chance

To meet as far this morning
From the world as agreeing
With it, you and I
Are suddenly what the trees try

To tell us we are:
That their merely being there
Means something; that soon
We may touch, love, explain.

And glad not to have invented
Such comeliness, we are surrounded:
A silence already filled with noises,
A canvas on which emerges

A chorus of smiles, a winter morning.
Placed in a puzzling light, and moving,
Our days put on such reticence
These accents seem their own defense.

ALGUMAS ÁRVORES

Estas são notáveis: cada uma
Ligando-se à seguinte, como se a fala
Fosse uma representação imóvel.
Combinando por acaso

Encontrar-nos tão distantes esta manhã
Do mundo como concordes
Com ele, tu e eu
Somos de repente o que as árvores tentam

Dizer-nos que somos:
Que só o aí estar delas
Significa algo: que em breve
Poderemos tocar-nos, amar, explicar.

E contentes por não termos inventado
Um tal decoro, estamos cercados:
Um silêncio já cheio de ruídos,
Uma tela em que emerge

Um coro de sorrisos, uma manhã de Inverno.
Postos sob uma luz enigmática, e movendo-se,
Os nossos dias adoptam uma tal reticência
Que estas inflexões parecem a sua própria defesa.

“HOW MUCH LONGER WILL I BE ABLE
TO INHABIT THE DIVINE SEPULCHER...”

How much longer will I be able to inhabit the divine sepulcher
Of life, my great love? Do dolphins plunge bottomward
To find the light? Or is it rock
That is searched? Unrelentingly? Huh. And if some day

Men with orange shovels come to break open the rock
Which encases me, what about the light that comes in then?
What about the smell of the light?
What about the moss?

In pilgrim times he wounded me
Since then I only lie
My bed of light is a furnace choking me
With hell (and sometimes I hear salt water dripping).

I mean it — because I’m one of the few
To have held my breath under the house. I’ll trade
One red sucker for two blue ones. I’m
Named Tom. The

Light bounces off mossy rocks down to me
In this glen (the neat villa! which
When he’d had he would not had he of
And jests under the smarting of privet

Which on hot spring nights perfumes the empty rooms
With the smell of sperm flushed down toilets
On hot summer afternoons within sight of the sea.
If you knew why then professor) reads

To his friends: Drink to me only with
And the reader is carried away

«DURANTE QUANTO TEMPO MAIS PODEREI
HABITAR O DIVINO SEPULCRO...»

Durante quanto tempo mais poderei habitar o divino sepulcro
Da vida, meu grande amor? Mergulham ao fundo os golfinhos
Para buscar a luz? Ou é rocha
O que se procura? Inexoravelmente? Ah. E se algum dia

Homens com pás laranja vierem abrir a rocha
Que me encerra, que dizer da luz que entrará então?
Que dizer do cheiro da luz?
Que dizer do musgo?

Em tempos peregrinos ele feriu-me
Desde então estou aqui deitado
O meu leito de luz é uma fornalha sufocando-me
De inferno (às vezes ouço água salgada a pingar).

Falo a sério — porque sou um dos poucos
Que sustiveram a respiração debaixo da casa. Troco
Um chupa vermelho por dois azuis. O meu
Nome é Tom. A

Luz ressalta das rochas musgosas descendo até mim
Neste desfiladeiro (a linda vivenda! que
Quando ele tinha não quis tivesse ele de
E brinca sob a picada da alfena

Que nas quentes noites primaveris perfuma os quartos vazios
Com o cheiro do esperma lançado à sanita
Nas quentes tardes de Verão à beira-mar.
Se soubesses porquê então professor) lê

Aos amigos. Bebe comigo só com
E o leitor é transportado